6
“No meio do caminho tinha uma pedra”

Ao longo da análise dos dados do debate e do questionário, fui encontrando algumas pedras no caminho desses professores pioneiros. Muitas questões provêm, provavelmente, da estranheza causada pelas mudanças no processo ensino-aprendizagem, tão arraigado há séculos. Assim sendo, apresento, aqui, algumas das questões apontadas referentes às dificuldades nas relações professor-aluno, professor-escola-pais, professor-colega e professor-escola-infraestrutura.

6.1
Dificuldades encontradas nas práticas com os alunos: primeiro tropeço

Apesar de os alunos da atualidade, pelo menos os que têm acesso aos avanços tecnológicos, serem sempre considerados como aqueles que já nasceram na era digital, na minha percepção, o uso que basicamente fazem da Internet é de bate-papo através de MSN e exposição em redes sociais, como Orkut e Facebook. Quando muito, divertem-se com vídeos do Youtube e download de músicas e filmes. Na verdade, parece que são poucos os que têm uma noção da extensa riqueza da Internet para sua formação e os que exploram as possibilidades de aprendizagem. Por esse motivo, muitos, ainda presos ao sistema de ensino tradicional, estranham as novas propostas e não conseguem extrapolar a relação pergunta-resposta entre professor-aluno. Isso ficou bastante claro no debate sobre o filme *O nome da Rosa*, feito por Sérgio[90]. Encontramos lá, para ratificar essa visão, muito mais um diálogo professor (pergunta) aluno (responde) do que uma discussão entre alunos-alunos e professor-alunos. Sobre a avaliação deste trabalho, o próprio professor escreveu:

[90] <http://aprendendofisica.pro.br/alunos/index.php/1A-cp2-2010/sobre-o-filme-o-nome-da-rosa>

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA

Blog do Sérgio

Figura 42 – Página de Blog do professor Sérgio, na qual se propôs o debate sobre o filme *O Nome da Rosa*[91]

Alguns alunos (a maior parte, diga-se de passagem) ainda estão impregnados da preocupação com "a resposta correta". Outros encararam as perguntas (e esta era a ideia) como um espaço para pensarmos juntos sobre o assunto que estávamos aprendendo: conhecimento científico. Eu ainda não terminei de ler todas as respostas, mas gostei de ver a postura de conversações (do Álex e Valdemar, por exemplo) de alguns alunos.(...) Espero que aos poucos, ao longo das atividades deste ano, possamos todos mudar o nosso modo de estudar/aprender. O mais importante não são as respostas certas, mas as perguntas que fazemos para aprender! Caso tenham ainda alguma questão sobre o filme, coloquem aqui nos comentários deste texto. O tópico sobre o filme lá no NING está fechado. (Blog)

Eu esperava mais dos alunos. Acho que embora o número de participações tenha sido grande [não valia nota, embora eu não tivesse explicitado isto ;-)] eles estavam muito mais preocupados em "dar uma resposta certa" do que em discutir as questões levantadas no filme e na proposta do filme (dentro da disciplina)... (Email, 06/4)

Eu achei que a participação, embora massiva, foi muito "era industrial". Eles estavam mais preocupados em "dar uma resposta certa" do que em discutir as questões levantadas. (Email, 08/4)

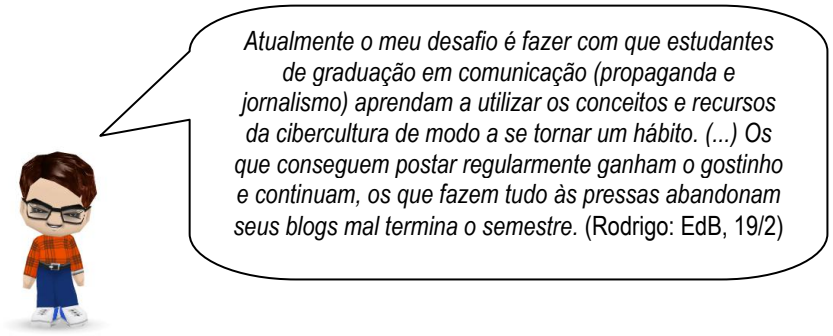
[91] <http://aprendendofisica.pro.br/alunos/index.php/1A-cp2-2010/sobre-o-filme-o-nome-da-rosa>

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA

Não posso deixar de chamar atenção, no entanto, para o fato de, apesar de sabermos que os professores não podem mais ser apenas expositores, executores de suas aulas, essa percepção não descarta a possibilidade de uma aula expositiva ter a sua importância e lugar. Ao contrário. Boas aulas serão sempre bem vindas e terão o seu espaço, principalmente, se, a partir delas, o aluno desenvolver a capacidade de refletir e de construir a sua aprendizagem.

Parece paradoxal, mas a exposição não significa necessariamente um processo conteudista. Ela pode ser rica em aprendizagens e reflexões. Mas o que percebo nessas interações todas é uma confirmação do que representa a escola para a maioria da população. Um lugar onde se vai para aprender "umas coisas" que serão cobradas em avaliação e que o aluno tem de provar (verbo e substantivos ratificam o que se deseja) que aprendeu. E isso ocorre ao longo de sua vida escolar até fazer a grande prova para entrar em uma universidade. Onde fica a real aprendizagem aí? Quantos levam para sua vida pessoal o que estão aprendendo ao longo dos anos nos bancos escolares?

Rodrigo também relata seu esforço em mudar os paradigmas:



Em seus blogs "Cibercultura e Jornalismo" e "Violência e mídia", apresentados abaixo, podemos ver a proposta do professor Rodrigo no que tange à imersão de seus alunos na cultura digital. O primeiro é direcionado ao sexto período do curso de Comunicação da universidade onde leciona; o segundo busca a reflexão das relações das mídias com a violência. Interessante a ideia que Rodrigo mostra. Inicialmente os blogs estão criados para dar suporte ao conteúdo que será trabalhado no curso, mas ele dá abertura e incentiva a continuidade deles afirmando até que será "exclusivamente da vontade dos participantes" (Blog[92]). Ou seja, ele faz uma parte e a continuação será feita pelo coletivo. Isso é muito bom para que o grupo não fique na atitude passiva, comum na maioria dos alunos

[92] <http://violenciaemidia.wordpress.com/>

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA

que reclamam das aulas tradicionais, mas mantêm-se iguais quando se pede o contrário.

"Cibercultura e jornalismo": Blog do Rodrigo

Figura 43 – Página de Blog do professor Rodrigo[93]

93 <http://ciberjornalistas.blogspot.com/>

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA

“Violência e Mídia”: Blog do Rodrigo

“Blog sobre as relações das mídias com a violência. **Originalmente criado para dar suporte aos trabalhos interdisciplinares dos alunos** do terceiro período de Jornalismo e Publicidade/Propaganda do UNILESTE no primeiro semestre de 2009. **Pretende-se dar continuidade com o blog, dependendo exclusivamente da vontade dos participantes**.” (grifo nosso)

Figura 44 – Página de outro blog do professor Rodrigo [94]

Sueli também enfrenta desafios semelhantes com relação à participação de seus alunos e confirma o paradoxo apresentado por Sérgio de que os alunos não estão acostumados com atividades diferentes das que são submetidos a vida inteira:

Uma das dificuldades que enfrentei no uso de blog com a gurizada é o desenvolvimento da prática do diálogo através dos comentários... Propus que a participação viesse da motivação de cada um, e a frequência das postagens foi bastante irregular! Como quero construir uma postura de autoria, de colaboração, usando blogs, vou usar a tua dica (Suley faz referência às regras de postagens que Rodrigo estabelece com seus alunos, apresentadas em mensagem anterior no debate. O combinado é de os alunos escreverem em um semestre ao menos 15 postasgens e fazerem comentários interessantes e críticos em 3 postagens de colegas por semana.) (EdB, 21/2)

94 <http://violenciaemidia.wordpress.com/>

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA

Está muito clara a ideia de que os chamados "cabeças digitais" também apresentam resistências ou medos diante do novo na escola ou na universidade. Afinal, o paradigma educacional de professor-aluno-prova-nota está enraizado e impregnado em nossas concepções sobre ensino e aprendizagem.

Figura 45 – Tira de humor, retirado do blog do professor Rodrigo[95]

De acordo com Rodrigo na postagem "A dificuldade de avaliar na produção", em seu blog pessoal[96]:

... não me incomodo com a nota do aluno, acho super secundário e praticamente impossível de dar pontos fracionários ou mecânicos para um aluno: Sr. Smith o senhor ficou com 7.1, Srta Silva a senhorita ficou com 6.9… ora… qual é a diferença entre os dois? Como eu pude avaliar isso?
Meus critérios de avaliação tem apenas 5 níveis (...) No entanto, é um tal de estar no nível 3 e querer que se diga que eles estão no 5… que eu andei simplificando a coisa para 3 níveis…
A – Faz mais que vc ganha um B;
B – Fez o suficiente; e
C – Obrigado por participar mais que seus colegas
A pressão diminui sobre o professor quando ele simplifica ou quando ele propõe critérios matemáticos que aparentam que existe uma máquina avaliadora externa… o aluno gosta de ver 6.9; 7.1; 8,2 é sua cultura, seu hábito, ele entende dessa forma que ele está em uma fila com gente na frente e gente atrás. (Blog)

[95] <http://acoisaehpessoal.wordpress.com/2009/12/10/a-dificuldade-de-avaliar-na-educacao/>
[96] <http://acoisaehpessoal.wordpress.com/2009/12/10/a-dificuldade-de-avaliar-na-educacao/>

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA

Essa postagem gerou o seguinte comentário de uma provável aluna, a qual demonstra o que se falou acima: os alunos ainda estão presos aos paradigmas da escola tradicional:

Eu ainda prefiro receber um 95 ou 100 de professores que levam em consideração nosso interesse e participação ao invés da técnica de nossos trabalhos! ^^
E esses são raros, meu querido!
Não é atoa que alguns professores ficam lotados de orientandos! rs

[97]

Em se tratando das mídias digitais, Suely (Email) ratificou o que já havia dito, comentando sobre a "tímida participação" dos alunos em relação às postagens. Ela apresentou que "@s alun@s" surpreenderam-se positivamente com a proposta do blog no ano de 2009, mas que, na hora mesmo de postar, ficaram extremamente inseguros:

... bateu a insegurança que acompanha a tod@as que foram "vítimas" de um ensino tradicional de língua portuguesa – em que só se treina a metalinguagem... e não vivencia a autoria!! E só se escreve para cumprir tarefa para o professor corrigir!!! (Email)

Para alavancar a autoestima nos alunos, agora, no ano de 2010, a professora resolveu iniciar o projeto usando a proposta do "Blog de papel", da professora Fátima. O conhecimento sobre esse projeto se deu na lista Blogs Educativos. Tempos atrás, Fátima partilhou sua experiência e, em outra discussão agora em 2010, essa proposta foi citada. Interessada em conhecer melhor o trabalho, Suely pediu aos colegas da lista que dessem a ela as informações sobre o trabalho e os links onde ela pudesse aprender mais.

O objetivo da professora é, em sala, construir a noção de interação, que, no ponto de vista dela, é o que o trabalho com blog pode oferecer de mais interessante para a formação dos novos professores.

Fizemos um post no blog de papel, trocamos com os colegas, comentamos... estamos num processo bem legal!!! Acho que, na forma presencial, os alunos estão percebendo a importância da interação... e estão escrevendo para serem lidos por leitores reais... quando formos para o virtual essas ideias já estarão encaminhadas!!!

[97] <http://migre.me/2Dt7r>

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA

Pode parecer contraditória a situação, mas é possível se entender. Os jovens não gostam da produção textual escolar, primeiro porque consideram inadequado o retorno dado por professores, segundo porque ninguém mais lê seus textos. Por outro lado, eles adoram escrever para postar na Web, onde, entre seus pares, têm "audiência interessada para o que compartilham" (Santiago, 2010), mantendo-os sempre motivados. Essa situação, no entanto, quando levada para a escola, causa, muitas vezes, estranhamento. Afinal, por mais que seja um espaço conhecido deles, no momento em que se torna oficial e veste a roupagem escolar, os antigos paradigmas invadem as concepções dos alunos e eles temem o julgamento, a avaliação, a "caneta vermelha". Essa percepção foi comprovada em tese de doutorado defendida por Ilana Santiago em dezembro de 2010.

Talvez, o projeto do "Blog de Papel", criado por Fátima e experimentado agora por Suely, se vivido em muitas outras escolas, pode vir a ser um modo concreto de quebrar os preconceitos do uso das mídias digitais na escola e aproximar os alunos da produção escrita mais próxima dos parâmetros escolares, sem tolhê-los negativamente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA

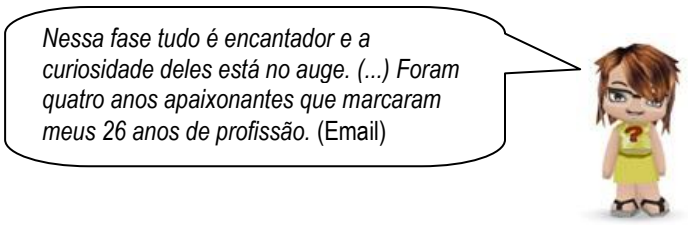
6.2
Inclusão dos pais no processo ensino-aprendizagem: é difícil?

Vimos no blog da Escola Edificar a vontade de integrar pais à vida de seus filhos na escola, ao apresentar seu trabalho com transparência e pedir contribuições a todos da comunidade escolar. Mesmo em trabalhos comuns de uma sala de aula de Educação Infantil (desenhar, pintar, fazer esculturas de massinhas), o ato de fotografar para publicar as atividades dos alunos parece gerar muita satisfação. As crianças posam, mostram seus trabalhos com alegria e isso, provavelmente, traz rendimento ao interesse dos alunos em fazer cada vez melhor suas atividades para mostrá-las em casa, pela Internet, aos pais. É uma forma de a família estar mais presente e mais inteirada do que está acontecendo com seus filhos na escola e o que eles estão aprendendo/fazendo/construindo. Portanto, na Educação Infantil, não só o uso de computador e de softwares educativos como motivadores positivos da alfabetização e familiarização das crianças para uma educação tecnológica são importantes. A construção de blogs, a publicação de

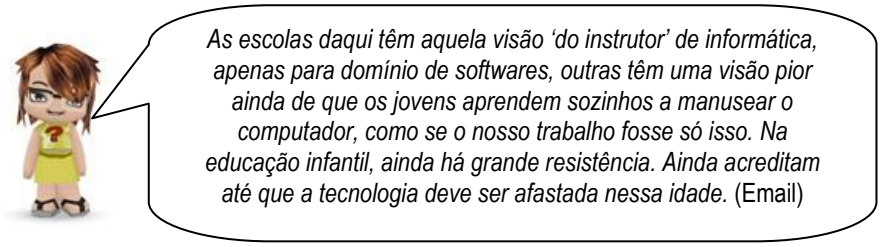
seus trabalhinhos e de suas conquistas são fundamentais para o incentivo à aprendizagem.

A professora Jenny cita alguns projetos inesquecíveis: o da lagarta, dos brinquedos e brincadeiras e alguns poemas que trabalharam no blog e em sala. Em sua opinião, o interesse e a participação das crianças era muito grande. Mesmo os que não tinham acesso a computador e/ou Internet em casa, levavam – sempre que podiam – os pais até a "salinha" para mostrar o que "tinham postado":

Perguntada sobre que impressões tinha da aprendizagem das crianças com as mídias sociais, Jenny afirma que, com certeza, o computador e a Internet servem como uma janela para a leitura do mundo.



Lamentavelmente, esse trabalho foi interrompido no ano de 2010, pois a escola fechou por problemas financeiros. Segundo a professora, está difícil encontrar outro emprego em que possa dar continuidade a esse tipo de trabalho:



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA

Porém, essa cooperação entre pais e professores não ocorre, infelizmente, em qualquer lugar. Muitos pais impedem que seus filhos participem de projetos que envolvam alguma exposição na Internet e atuam negativamente com reclamações e exigências nas escolas. Não podemos dizer que eles estão errados. Todos sabem que esse tipo de temor ocorre, com frequência, perante o desconhecido. Como não podem ter controle do que se passa na Web, provavelmente, os responsáveis temem o que seus filhos podem fazer lá e com quem podem vir a se relacionar.

Segundo testemunho de uma professora participante desta pesquisa (neste momento ela não será identificada), seu trabalho foi bastante prejudicado devido às resistências encontradas:

> *Os alunos ainda não produzem muita coisa, porque tivemos vários problemas graves: um deles, a velocidade de conexão, além de resistência por parte deles e de alguns pais que, de início, não entenderam o objetivo do trabalho. Para vc ter uma ideia, fui desacatada e ameaçada, precisando, inclusive, fazer um BO.*

Apesar das complicações, no final do ano parece que as coisas se ajustaram:

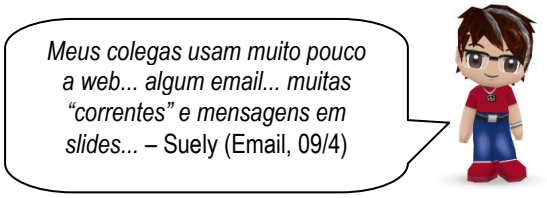
> Mas depois de tomar essa providência, parece que as coisas tomaram o rumo certo e, no final do ano, os alunos apresentaram um aproveitamento muito bom no que tange ao uso das tecnologias.

Com certeza, ainda haverá muitas situações semelhantes. Se por um lado parece que a Internet é uma terra sem lei e isso gera medo naqueles que não a conhecem ao menos um pouco, por outro a escola não pode negligenciar a necessidade de educar as novas gerações para fazerem um bom uso dela. Digo sempre que tudo que existe "lá dentro" existe também "aqui fora", pois somos nós, seres culturais que vivemos e produzimos a cultura que nos cerca.

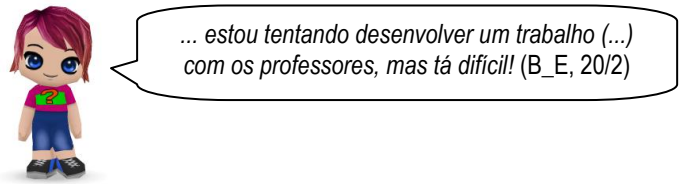
6.3
Dificuldades encontradas na relação com os colegas: um pedregulho?!

Alguns desejam ser pioneiros e estão lutando para isso (muitos quase que solitariamente no ambiente de trabalho presencial):

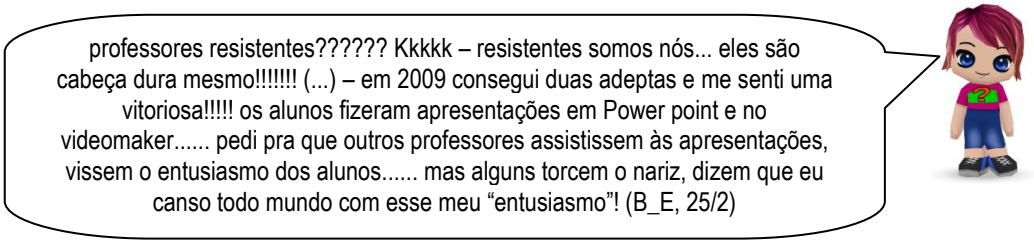
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA

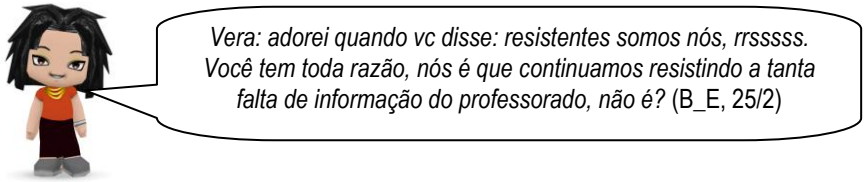


Outros já tiveram a oportunidade de viver o seu lado pioneiro, mas as circunstâncias da vida acabam tolhendo-os. Vera (EdB, 20/2) é uma dessas pessoas que, quando estava na sala de aula, conseguiu desenvolver um trabalho pioneiro, mas ao ser colocada na coordenação passou a sofrer com a resistência dos professores.



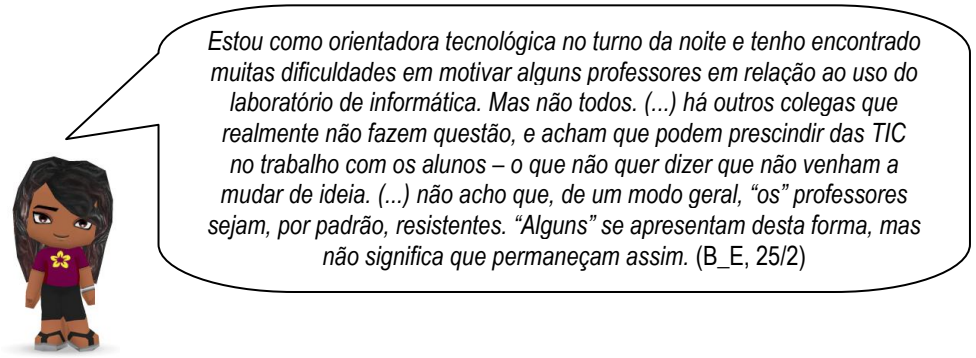
Ela, inclusive, diz, de forma bem humorada, que não são os professores distantes das TIC que são resistentes, os pioneiros é que resistem, apesar de tantos entraves:



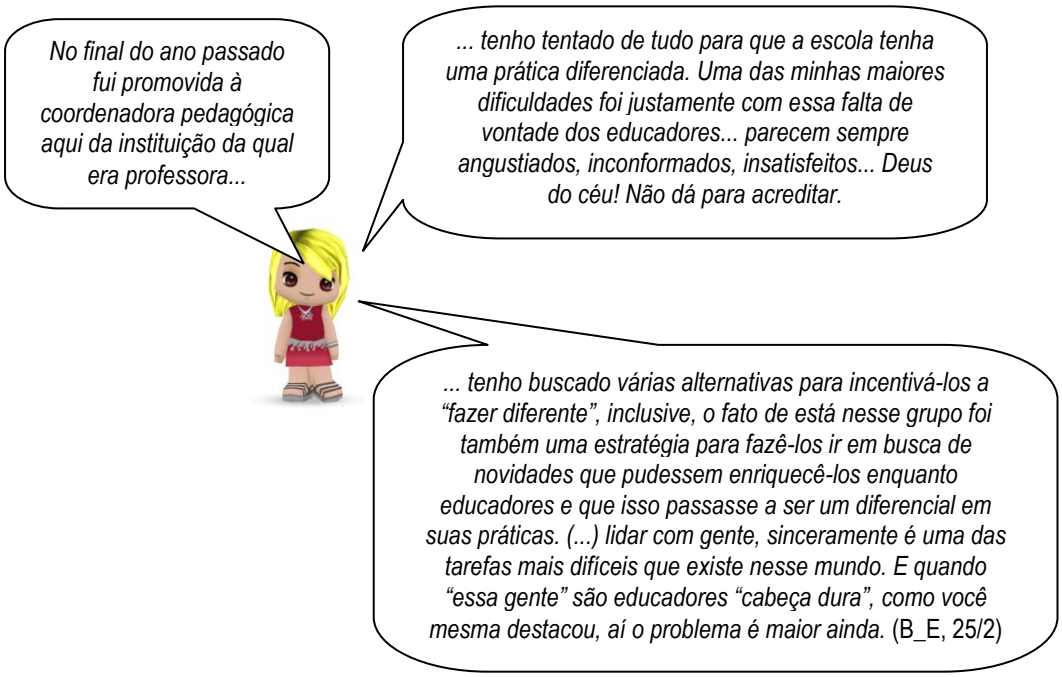


Conceição (B_E, 25/2) diz atuar como orientadora tecnológica no turno da noite e, apesar de haver professores interessados, afirma que tem encontrado muitas dificuldades em interessar alguns colegas em relação ao uso do Laboratório de Informática:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA



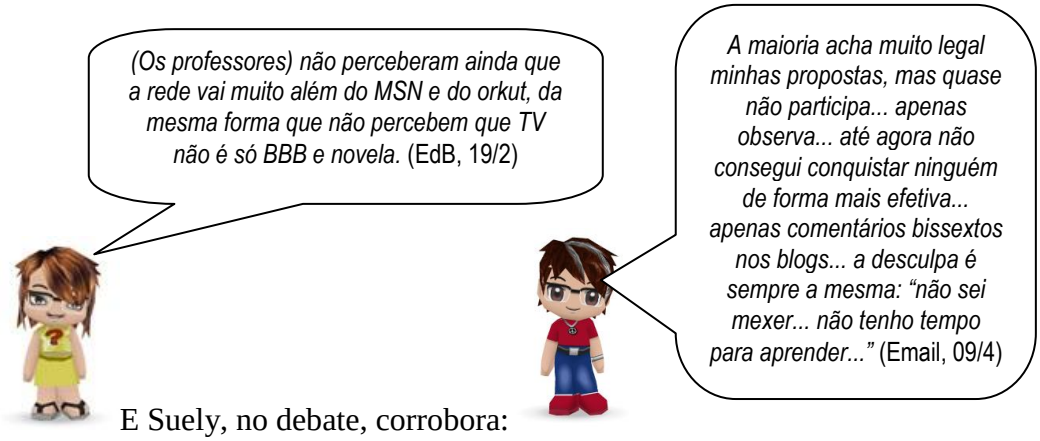
Juliana (B_E, 25/2) comenta que também foi promovida a coordenadora pedagógica e, desde então, vem enfrentando a falta de vontade dos professores.



Um ponto interessante foi que Juliana teve dificuldade de contratar uma pessoa da área de educação que tivesse condições de desenvolver, como ela diz, "uma ação diferenciada na área de informática educativa". Depois de algumas entrevistas, acabou optando por contratar um filósofo. Segundo ela, o novo professor está com muito boa vontade até o momento e procurando fazer realmente um trabalho diferenciado com os alunos.

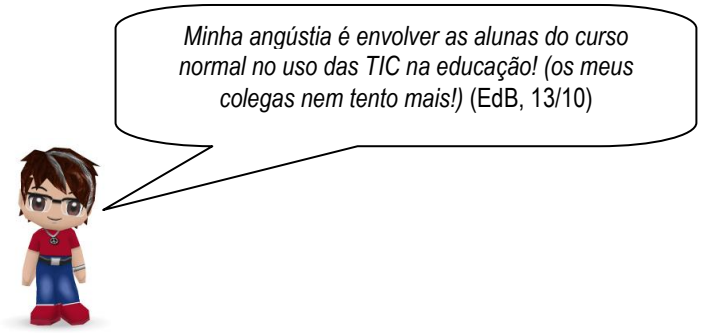
Jenny, comentando sobre a postura de alguns professores que criticam e condenam diversas mídias, simplesmente por condenar, disse:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA



E Suely, no debate, corrobora:

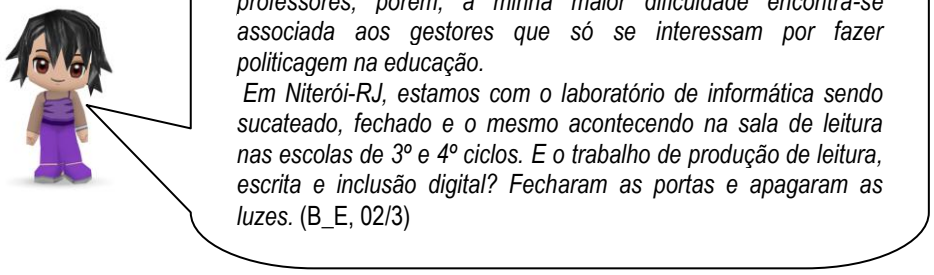
Já no fechamento desta pesquisa, tive a oportunidade de ver ainda um debate proposto pela professora Suzana na lista de discussão Edublogosfera. Em uma das participações dos diversos professores, pude perceber que Suely, mesmo após quase o ano letivo inteiro de 2010, ainda desabafa que o perfil dos colegas (professores) em nada mudou.



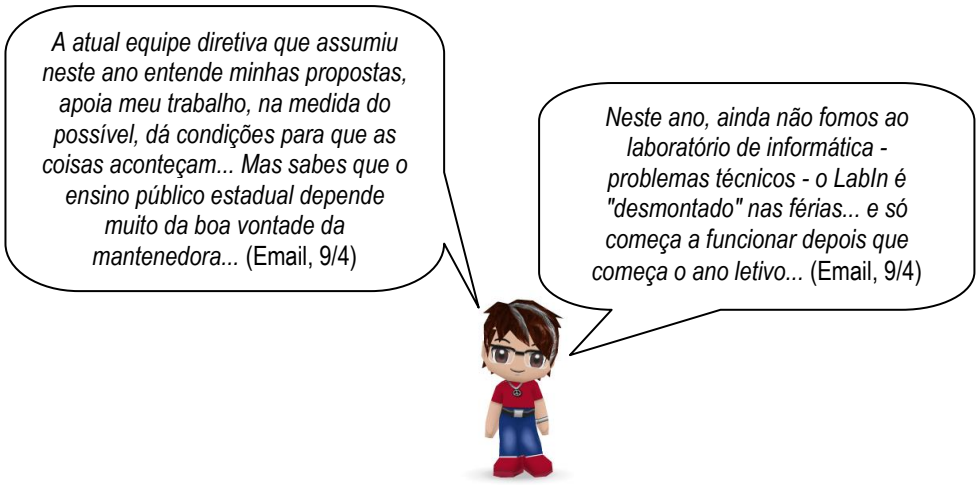
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA

6.4 Dificuldades encontradas nas instituições (infraestrutura): pedra, tropeço...

Margareth (B_E, 02/3) fala do seu sucesso com professores e alunos e considera que suas dificuldades maiores estão em outro patamar: a infraestrutura, devido às questões políticas:



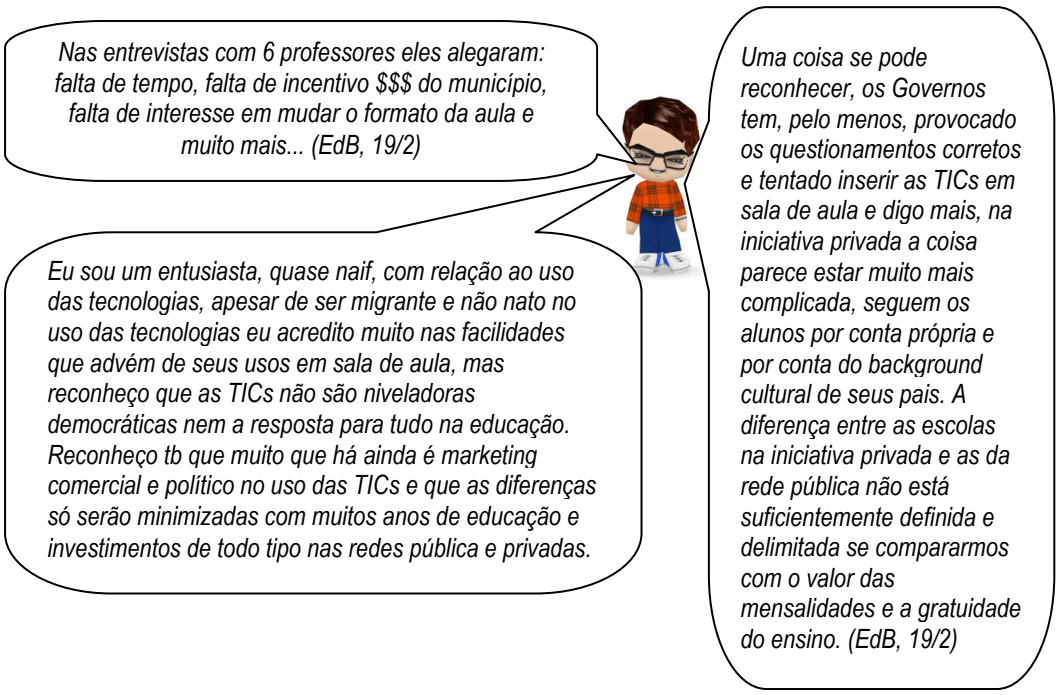
Sobre sua realidade, Suely conta que:



Infelizmente não são só boa vontade e apoio que promovem a realização de um trabalho. Infraestrutura também é fundamental. Além disso, para os professores que trabalham em instituições públicas, a continuidade de projetos tem de ser independente da administração governamental. Somente assim, penso eu, haverá condições de promover uma educação de qualidade.

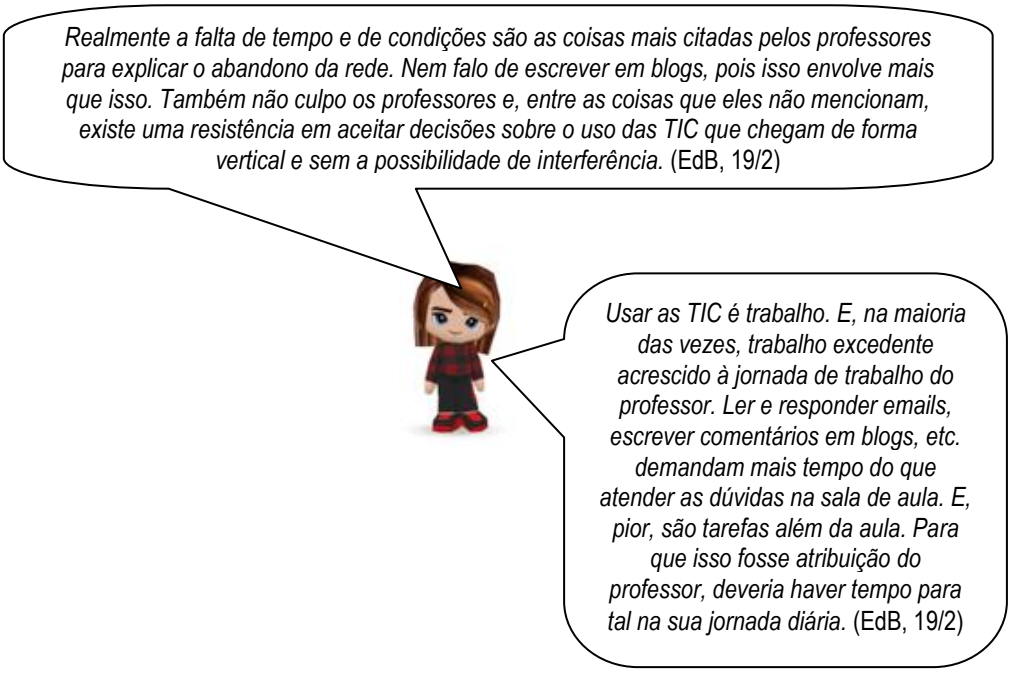
Rodrigo (EdB, 19/2) expõe que há, realmente, uma dificuldade comum a todas as iniciativas: o engajamento de professores no uso das TIC, mas acha que os Governos, mesmo com suas falhas ou limitações, vêm gerando alguma reflexão:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA



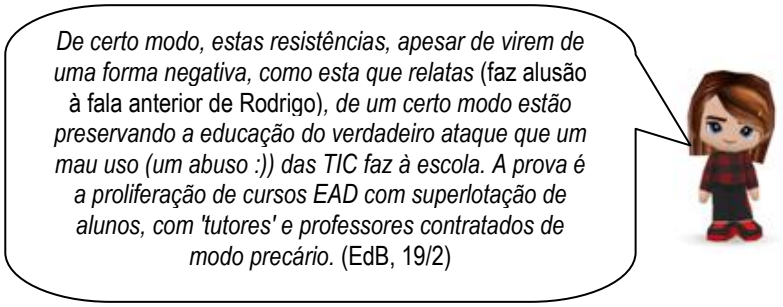
Se por um lado a visão de Rodrigo nos traz um alívio e otimismo, já que ele acredita, apesar das inúmeras falhas e limitações, que os governos estão investindo, seja no acesso às mídias digitais, seja na formação dos professores, por outro é triste ver que muitas escolas particulares continuam criando inovações de fachada e cobrando por isso em suas mensalidades.

Suzana (EdB, 19/2) concorda com Rodrigo e acaba ratificando a percepção de Vera apresentada na outra lista. No entanto, ela é crítica quanto às novas atribuições à jornada diária de trabalho docente:

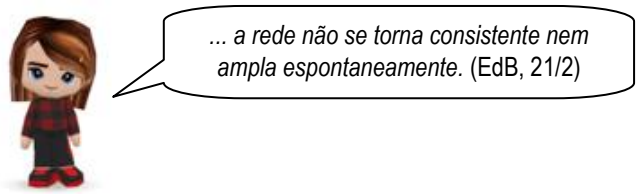


PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA

E mostra que as resistências, apesar de comumente negativas, podem ter um lado positivo, com relação à entrada das mídias digitais na sala de aula:



Mais a frente, ela acrescenta que a formação de usuários conscientes de seu trabalho ocorre no dia a dia na Web:



Por curiosidade, extrapolando um pouco o objetivo mais específico desta pesquisa, mas com o intuito de entender alguma coisa sobre a extensão da sala de aula e a jornada de trabalho do professor, perguntei ao Sérgio, por email, sobre a obrigatoriedade de os alunos participarem das discussões que ele promove, sobre avaliação e tempo que dispõe para isso. Ele explicou que a obrigatoriedade depende da atividade. Disse enfatizar, em todas as aulas, independente da obrigatoriedade ou não da atividade, a importância da participação dos alunos nas discussões. Utiliza como regra para seu trabalho o seguinte: "atividades individuais não são obrigatórias (pois não teria tempo de acompanhar) e atividades em grupo são obrigatórias, pois posso mediar mais de perto".

Com relação ao tempo, disse que é professor em Regime de DE (Dedicação Exclusiva):

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA

98*

Tento otimizar meu tempo pra ficar em torno de 1h diária nas tarefas de acompanhamento da produção/participação dos alunos nas plataformas utilizadas.
Se a rede fosse fechada, poderia dedicar menos tempo! Mas como prefiro mantê-la aberta, eu acompanho toda movimentação lá por RSS e então acesso quando tem um número razoável de participações ou quando há alguma tarefa administrativa a fazer (eu modero a inserção de fotos e vídeos apenas).* (Email)

Rodrigo (EdB, 19/2) acredita também que se tem de estimular a pesquisa-ação com professores da rede pública e que essas pesquisas devem ser divulgadas e debatidas para a melhoria do ensino. Jenny (EdB, 21/2) reflete que é na raiz, na formação dos professores, que as coisas devem mudar. António Nóvoa (2002), em entrevista para a revista "Educar para crescer", da Abril online, opõe-se à ideia comum de que a formação continuada tem de partir solitariamente do profissional. Para ele, "o aprender se concentra em dois pilares: a própria pessoa como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente"[99].

Suely e Jenny, além de professoras blogueiras, são mães de meninos que ainda estão em processo de alfabetização (cursando séries distintas do Ensino Fundamental I). Com suas experiências, elas avaliam a diferença entre o que seus filhos estão aprendendo e desenvolvendo em casa (cada um tem um blog, criam vídeos de animação, fazem postagens sobre temas de seus interesses) e o que se valoriza nas escolas onde estudam:

Há pelo menos 15 anos trabalho diariamente no computador, desses, meu filho de 7 anos, aos 3 já conhecia todo o alfabeto no teclado e aos 4 digitava os endereços que queria acessar na Web. Sua alfabetização se deu paralelamente na escola e em casa. Sei que há crianças que têm mais facilidade no letramento, mas, com certeza, com André, o computador foi um grande aliado. (Q)

100

[98] RSS (*Really Simple Sindication* ou *Rich Site Summary*): é um serviço da Internet que permite agregar em um programa informações provindas de diversos sites. Isso significa que o usuário pode receber as atualizações dos sites onde está inscrito, sem a necessidade de visitá-los.
[99] <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/materias_296377.shtml?page=page2>
[100] Jenny, sobre a inserção do computador – feita em casa – na alfabetização de seu filho, que já é blogueiro Entramos, inclusive, no Blog do André, para conhecê-lo: <http://andrehitech.blogspot.com/>

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA

Suely, otimista, já pensa nas próximas gerações de alunos que pode vir a receber:

Quem sabe, quando encontrarem algum aluninho blogueiro (refere-se a seus alunos normalistas) como nossos filhos, saibam valorizar e trazer essas vivências para as salas de aula!!!! O Blog do Tomate é ignorado pela escola (instituição), mas os coleguinhas do Tomás volta e meia passam por lá!!! (...) – E a escola? Manda ver na cópia!!! (Suely, EdB, 21/2)

Elisângela também participa dessa discussão:

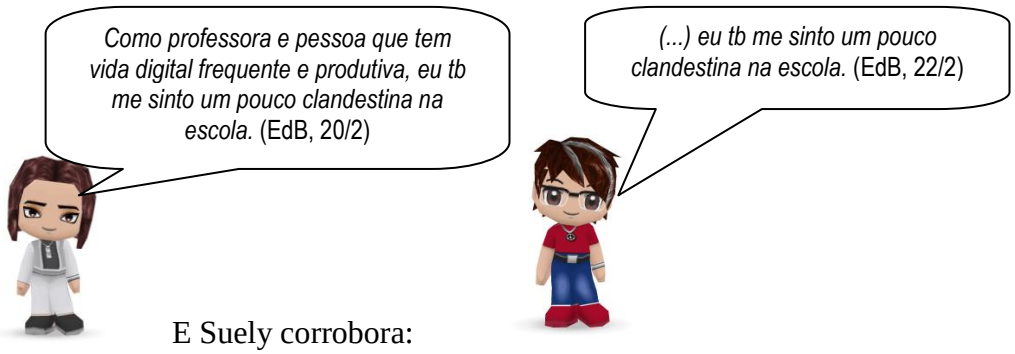
Oi Jenny, percebo que a coisa acontece exatamente dessa forma. Duas fases, pra mim, na trajetória escolar, estimulam de forma significativa a autoria: a educação infantil e o doutorado.

A educação infantil, por ser a criança desta idade curiosa, criativa e espontânea, despreocupada com estereótipos ou com a rejeição do seu pensamento. É a fase do desenvolvimento rápido e visível e onde os professores aproveitam para explorar todo esse potencial. Passada essa primeira fase, parece que a empolgação pelo desenvolvimento da caça vai diminuindo e um pensamento de "é sua obrigação estudar" toma conta do professorado e dos pais. A criança passa, ainda, a ter referências e a considerar o que produz como algo de menor qualidade.

É nessa hora que acho que falta investimento. (...) Quem está aprendendo a pensar, na maioria das vezes, parece que não precisa da escola pra isso. São aqueles que gostam da troca, da reflexão. Pensar é difícil? É. Se não tiver estímulo suficiente mais difícil ainda. (Elisângela, EdB. 20/2)

Lilian (EdB, 20/2) menciona o caso de um garoto de treze anos que participou de uma mesa redonda do "Campus Party" com outros dois blogueiros, apresentando suas experiências. Ela percebeu claramente com essa apresentação o deslocamento entre o que é valorizado na escola e o que é valorizado como espaço de produção extraescolar. Dialogando com os rapazes durante o evento, disse-lhes:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA



E Suely corrobora:

Essa percepção parece ter gerado um amadurecimento de Lilian que, segundo seu depoimento, iniciou o ano diferente. Segundo ela, as novas turmas já entenderam que têm uma professora de História bem envolvida com Internet e que valorizará o movimento deles em ampliar a sua utilização também.

No lugar da crítica destrutiva comum àqueles que desejam condenar a Internet e o uso que os jovens fazem dela, os professores pioneiros enxergam o valor das produções de seus alunos e das crianças e jovens em geral na Web e as incentivam ainda mais. Creio que este é um grande diferencial na educação dos alunos de hoje. Suely, por exemplo, percebe, nas trocas que faz com os seus alunos normalistas, a possibilidade de explorar a variação linguística a partir do *internetês*. Ela também, assim como Lilian, sente-se "clandestina" na escola. Às vezes, Suely pensa que o desinteresse de seus colegas ocorre pelo fato de ela ser bem do interior do Rio Grande Sul (630km de Porto Alegre): "longe demais das capitais", mas a Web e os debates com os colegas virtuais acabam lhe mostrando que essa resistência é comum em todos os lugares.

Mais interessante ainda é ver que as realidades de vida de cada um dos professores dessas duas listas são muito distintas. No que diz respeito às instituições, por exemplo, há professores que trabalham em lugares que promovem um acesso adequado à Internet, com equipamentos funcionando e local arejado; e há professores – a maioria dos casos desta pesquisa – que fazem milagres: tiram leite de pedra e lutam porque acreditam e vivem a Educação. São grandes pioneiros.

Tive a oportunidade de conhecer um desses casos de perto. A partir do debate na lista Blogs Educativos, resolvi visitar, em tempo real, a colega Marise,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA

de Barra do Piraí[101], para conhecer sua luta. Descobri que, com muito esforço – e principalmente empenho e boa vontade pessoal, pois quase não há apoio financeiro –, o seu trabalho vem gerando frutos, principalmente na autoestima dos alunos das escolas que estão sob sua orientação. Segundo ela, esses alunos já são muito privados de bens culturais, econômicos e sociais. Marise (B_E, 20/2) explica que não basta ter laboratórios de informática, "professor Power Point, professor blogueiro ou professor que domina todas as ferramentas". É necessário ter professores que façam a diferença e levem seus alunos a usar as mídias digitais, desenvolvendo atividades relacionadas aos conteúdos de suas disciplinas. Para isso, é necessário um pouco de dedicação.

Penso que essa visão de Marise corrobora a ideia de que as TIC por si só não renovam a educação. O grande diferencial está na forma como o professor promove suas aulas, com ou sem os recursos modernos. Com certeza, uma infraestrutura que apoie o docente e seus projetos facilitaria o desenvolvimento do trabalho, mas é a força humana que tem o poder de fazer a verdadeira diferença.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913508/CA

[101] Um relato informal da visita está em meu blog, neste endereço: <http://tatianemomartins.blogspot.com/2010/03/professores-que-tiram-leite-de-pedra.html>, mas pode ser lido no Apêndice B (o texto está estruturado na simplicidade e informalidade das postagens feitas em blog).